

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

ENCARCERAMENTO EM MASSA: AFETOS DO CÁRCERE NA IDENTIDADE E MEMÓRIA DE MULHERES BRASILEIRAS

Maria Eduarda Vilani Brentan, Departamento de Psicologia, (Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná), Brasil; Sara dos Santos Rodrigues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Álvaro Marcel Palomo (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil)

Contato: saradriguessss@gmail.com
dudavilanib@gmail.com

Palavras-chave: Vivências. Identidade. Gênero. Dialética. Psicologia sócio-histórica.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Sócio-Histórica, fundamentada no materialismo histórico dialético, visa superar visões dicotômicas do positivismo e da modernidade. Esta abordagem utiliza o método dialético para compreender o ser humano como um ser ativo, social e histórico. Ela postula que a sociedade é uma produção histórica dos indivíduos e que as ideias são representações da realidade material. Além disso, entende a realidade material como algo fundamentado em contradições, isto é, que surgem e são resolvidas através de conflitos e mudanças constantes.

O pensamento materialista dialético, que é uma parte integral dessa abordagem, é contracultural. Ele busca criticar o modelo capitalista funcional, que está presente em várias facetas da sociedade contemporânea. Um exemplo disso é o encarceramento em massa no Brasil e seus efeitos sobre as mulheres. Ao colocar esse fenômeno em um contexto histórico-social, se torna possível compreender suas complexas consequências psicossociais. O sistema penal, sob esta lente, é visto como uma instituição que transforma a prisão em um instrumento de controle e punição, o que afeta profundamente a memória dos envolvidos.

Vigotski, cujo trabalho é central para a Psicologia Sócio-Histórica, destaca a importância dos afetos no desenvolvimento humano e na interação social. Ele argumenta que a memória é um objeto de estudo vital na Psicologia Sócio-Histórica, pois é vista como a habilidade de preservar e reproduzir as apropriações da realidade. Em outras palavras, a memória permite que experiências e conhecimentos sejam retidos e utilizados no futuro. Em suma, essa abordagem psicológica procura entender e criticar as dinâmicas sociais e culturais que influenciam o desenvolvimento humano e as experiências individuais.

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

A memória, segundo Vigotski, é um elemento fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores em um adulto. Ela é mediada por signos internos e externos, que permitem o controle do comportamento e do livre arbítrio. Vigotski também realça a importância das relações sociais na partilha de pensamentos e experiências. Estes são essenciais para a construção da subjetividade e objetividade do ser humano. Assim, a memória se torna essencial para armazenar experiências passadas que sustentam e influenciam o futuro do indivíduo e da sociedade.

Ao analisar o encarceramento em massa de mulheres evidencia a necessidade de uma leitura dialética do problema. Isso significa considerar as diversas categorias que constroem os significados relacionados ao tema, desde a questão de gênero até a natureza da punição e da violência. A pesquisa sobre prisão, punição, gênero e violência deve incluir a obra de Angela Davis e outros autores, a fim de ampliar a visão sobre o assunto. É crucial entender como a prisão afeta a memória e a identidade das mulheres encarceradas. Isso inclui considerar as bases materiais do sistema capitalista e a repressão do Estado, que são fatores que moldam a experiência de encarceramento.

Portanto, a Psicologia desempenha um papel vital na análise do encarceramento. Ela segue as leis e normas do Conselho Federal de Psicologia e busca aprofundar a compreensão da identidade das mulheres no sistema prisional. Isso envolve levar em conta as influências sociais e os processos de mudança que moldam a identidade de cada indivíduo.

O encarceramento está intrinsecamente ligado à nossa vida, mas ao mesmo tempo distante dela. Isso ocorre de acordo com o trabalho ideológico realizado pelas prisões. A dualidade entre sua presença constante e sua separação dos afetos produzidos é evidente. Para libertar os indivíduos da alienação causada por esse sistema, é crucial questionar as estruturas sociais opressivas às quais estamos expostos diariamente. Segundo Davis (2018), é importante refletir sobre como a ideologia influencia nossa interação com a sociedade.

É no silêncio que as prisões são erguidas, crescem e se fortalecem, perpetuando essa dualidade e distanciamento em relação à vida social. Marcado por uma presença constante e ao mesmo tempo separado dos afetos humanos, esse sistema carcerário ilustra a influência da ideologia em nossa percepção do mundo ao nosso redor.

O questionamento do surgimento das prisões, como o *status quo* se mantém através do discurso e o que intervenções ocorrem para que a mudança possa ocorrer são os objetivos centrais da pesquisa. Desta forma, a Psicologia Sócio-Histórica oferece uma importante

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

ferramenta para a compreensão e a crítica das dinâmicas sociais e culturais que moldam a experiência humana e dialoga com as consequências do patriarcado e de instituições que aparentam ser inquestionáveis.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa aqui apresentada buscou explorar os efeitos do encarceramento em massa na identidade e memória das mulheres brasileiras. Visa entender como a experiência de encarceramento gera impactos na memória e na relação com a identidade a nível pessoal e coletivo de mulheres que estão ou estiveram em estado de cárcere. Essa pesquisa também buscou analisar a relação entre encarceramento em massa, a reprodução do sistema capitalista e a legitimação da repressão estatal. Enfatizando o aspecto de gênero do encarceramento e sua influência na construção da identidade feminina. O estudo adota uma abordagem bibliográfica qualitativa e conceitual, baseando-se nas obras de autoras como Angela Davis e Heleith Saffioti para fornecer uma análise abrangente do assunto.

Se tratando de uma pesquisa bibliográfica o caminho argumentativo percorrido foi com embasamento em autores que representassem a revisão histórica das prisões e suas relações com gênero, raça e classe e a tese da abolição penal enquanto medida de superação ao falho sistema da instituição carcerária.

O objetivo do revisionismo histórico foi o de trazer à tona o historicismo enquanto instrumento fundamental para entender a problemática e suas raízes. Também foi apresentada a questão identitária como imposição na realidade material e como para mulheres em situação de cárcere as identidades que um indivíduo apresenta, são redutíveis a situação de cárcere e como suas memórias se tornam fonte de sofrimento psíquico, quebra de relações sociais, apagamento simbólico e a quase nula possibilidade de ascensão social que o capitalismo oferece.

CONCLUSÃO

A partir da análise foi possível observar que a questão carcerária no Brasil tem diversos recortes e há múltiplas vivências que são silenciadas - o discurso brasileiro a nível governamental e social segue carregado de conservadorismos e um ideal de punitivíssimo religioso. Acima de tudo o sistema carcerário é uma instituição de descarte e de controle social que a concentração de renda e a desigualdade geram.

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

Cada posição que ocupamos na sociedade nos define de alguma forma, e nossa existência é a união de várias mediações com a realidade social. O estudo do indivíduo, portanto, não pode ser separado do estudo da sociedade. A identidade é construída ao longo do tempo, através de um processo de metamorfose constante. O sistema de punição estatal busca manter a ordem e o controle da população, definindo qual “categoria” de pessoa merece ser identificada como humana e qual não merece.

A identidade humana, sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, é uma totalidade contraditória, múltipla e mutável. Ela se manifesta na relação com os outros e na realização de atividades em grupo. A noção de identidade, em vez de ser temporal e transitória, se torna uma parte estável e permanente dos indivíduos encarcerados, os tornando para sempre “criminosos”. O encarceramento é naturalizado e aceito como uma parte inevitável da sociedade mesmo que se mostre ineficiente.

O processo da formação da identidade é coletivo e também individual, logo é importante frisar que esse estudo deve se expandir para outros grupos de mulheres encarceradas, de forma mais específica, sendo as vivências de mulheres não-cis ou, por exemplo, da relação entre a maternidade e o cárcere visto que esses temas não foram explorados nesta pesquisa. Ademais, outros horizontes podem ser explorados com relação ao sistema carcerário brasileiro, como o modo pelo qual esse sistema se construiu no Brasil – suas nuances e marcadores que diferenciam o sistema prisional brasileiro dos demais países.

Referências

ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira de et al. O conceito de memória na obra de Vigotski. 2004.

ALMEIDA, Suely Souza; SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995.

CASTRO, A. de, & RIGOLIN, I. F. (2023). O punitivismo no Brasil, o Estado Penal e os adolescentes criminalizados. Revista InterAção, 14(3), e70116. <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/70116>

DAVIS, Angela. Estarão as prisões obsoletas?. Bertrand Brasil; 5ª edição. 2018.

DAVIS, Angela; DENT, Gina. A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição. Revista Estudos Feministas, v. 11, n. 02, p. 523-531, 2003.

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

GRIZENTE, Ivaneide; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. As Mulheres nas Prisões Brasileiras: algumas considerações. *InterConhecimento*, v. 1, n. 1, 2019.

LANE, S. T. M. A identidade como metamorfose. In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense. 2004.

MOREIRA, Maria Ignez Costa; SOUSA, Sonia M. Gomes (Org.). *Psicologia Socio-Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2022.

PASSETTI, Edson. Ensaio sobre um abolicionismo penal. *verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.*, n. 9, 2006.

ROCHA, Michel Gomes da. Políticas públicas neoliberais e condições de vida de comunidades negras pobres nos Estados Unidos no governo de Ronald Reagan (1981-1988): o caso de Los Angeles. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-02122022-141936/en.php>

SANTOS, Silmara Mendes Costa. A intensificação da força repressora do Estado nos marcos da crise estrutural do capital: o encarceramento em massa no Brasil (2003-2010). 2017.

SILVA, Liane Duarte da. Presos que menstruam: o testimonio do silêncio e da solidão nos presídios femininos brasileiros. 2020. Dissertação de Mestrado.

VARELLA, Dráuzio. *Prisioneiras*. 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2017.